

PREFÁCIO

Em tempos de renovação da Igreja, a Sagrada Escritura torna-se ainda mais rica para nós. Por detrás dos motes quotidianos e combativos necessários numa disputa eclesial, emergem uma procura e um questionamento mais fortes daquele que é o único que importa: o próprio Jesus. O que é que Jesus nos quis dizer? O que quer hoje de nós? Como é que nos ajuda a sermos, hoje, cristãos fiéis? Em última instância, não é importante para nós o que este ou aquele homem da Igreja quer; o que queremos saber é o que Jesus quer. É a sua própria palavra que queremos ouvir, quando assistimos a uma pregação. E não o queremos apenas por nossa causa, mas também pelos muitos para quem a Igreja e a sua mensagem se tornaram estranhas. Provavelmente, pessoas completamente diferentes escutariam a palavra e outras afastar-se-iam dela, se fosse o próprio Jesus, e só Ele, quem estivesse no meio de nós a pregar a sua palavra. Não é que a pregação da nossa Igreja já não seja palavra de Deus. Mas quanto som impuro, quantas duras leis humanas e quantas falsas esperanças e consolações ainda toldam a palavra pura de Jesus e dificultam a decisão verdadeira! Não é certamente apenas por culpa dos outros que a nossa pregação – que sem dú-

vida pretende ser tão-só pregação de Cristo – lhes parece dura e difícil, por estar sobrecarregada de fórmulas e conceitos que lhes são estranhos. Não é, com certeza, verdade que cada palavra dirigida hoje contra a nossa pregação seja já uma rejeição de Cristo, ou anticristianismo. Será que queremos mesmo renegar a comunhão com aqueles – que hoje são muitos – que acorrem à nossa pregação, a quem escutam e, todavia, acabam sempre por ter de reconhecer, perturbados, que lhes dificultamos demasiado o acesso a Jesus? Eles estão convencidos de que não se querem subtrair à palavra do próprio Jesus, mas que entre eles e Jesus se interpõem demasiados elementos humanos, institucionais, doutrinários. Quem de nós não terá já prontas todas as respostas que aqui poderiam ser dadas e que facilmente nos eximiriam de responsabilidades em relação a essas pessoas? No entanto, não será também uma resposta interrogarmo-nos sobre se nós próprios não colocamos obstáculos à palavra de Jesus quando nos apegamos porventura demais a certas formulações, a um tipo de pregação ajustado a um certo tempo, a um certo lugar e a uma certa estrutura social; quando pregamos talvez de forma realmente demasiado «dogmática» e pouco «virada para a vida»; quando repetimos constantemente e de bom grado certos pensamentos da Escritura e, ao mesmo tempo, passamos desatentos ao lado de outras palavras importantes; quando pregamos ainda demasiado opiniões e convicções nossas e pouco o próprio Jesus Cristo? Nada contradirá mais profundamente a nossa própria intenção, e nada será mais devastador para a nossa pregação, do que sobrecarregarmos os cansados e oprimidos, que Jesus chama a Si, afugentando-os de novo para longe d'Ele. Como será escarnejado dessa forma o amor de Jesus Cristo por cristãos e gentios! Mas porque aqui não nos ajudam questões gerais e autoacusações, deixemo-nos guiar de volta à Escritura, à palavra e ao chamamento do próprio Jesus Cristo. Partindo da pobreza e da estreiteza das nossas próprias convicções e perguntas, procuramos aqui a amplitude e a riqueza que nos são dadas em Jesus.

Queremos falar do chamamento para seguir Jesus. Estaremos, com isso, a impor aos homens um jugo novo e ainda mais pesado? Deverão ser acrescentados a todos os preceitos humanos, sob os

quais gemem almas e corpos, outros ainda mais duros e implacáveis? Ao fazer presente o seguimento de Jesus, estar-se-á apenas a cravar outro agulhão mais aguçado nas consciências inquietas e feridas? Deverão, pela enésima vez na história da Igreja, ser instituídas exigências impossíveis, torturadoras, excêntricas, cujo cumprimento talvez seja um luxo piedoso para poucos, mas que o homem trabalhador, preocupado com o seu pão, com a sua profissão, com a sua família, terá de rejeitar como a mais ímpia forma de tentar a Deus? Será que à Igreja importa mesmo erigir um despotismo espiritual sobre os homens, arrogando-se o poder de estabelecer e ordenar, sob ameaça de penas temporais e eternas, tudo aquilo que uma pessoa deve crer e fazer para ser bem-aventurada? Deverá a palavra da Igreja trazer consigo uma nova tirania e uma violação das almas? Pode até ser que haja quem anseie por uma tal escravidão. Mas poderá a Igreja alguma vez servir esse desejo?

Quando a Sagrada Escritura fala do seguimento de Jesus, anuncia a libertação do homem de todos os preceitos humanos, de tudo quanto oprime, sobrecarrega, causa preocupação e atormenta a consciência. No seguimento, o homem passa do jugo pesado das suas próprias leis ao jugo suave de Jesus Cristo. Fica, por isso, comprometida a seriedade dos mandamentos de Jesus? Não, pelo contrário. Só aí, onde subsiste a totalidade do mandamento de Jesus, onde o chamamento ao seguimento incondicional subsiste, é que se torna possível a plena libertação do homem para a comunhão com Jesus. Para quem segue indivisamente o mandamento de Jesus, para quem deixa repousar sobre si, sem resistência, o jugo de Jesus, para esse, o jugo que tem de carregar torna-se leve, e ele recebe com a suave pressão desse jugo a força de percorrer sem fadiga o caminho certo. O mandamento de Jesus é duro, desumanamente duro, para quem lhe resiste. O mandamento de Jesus é suave e não pesado para quem de livre vontade se lhe entrega. «Os seus mandamentos não são pesados» (1Jo 5, 3). O mandamento de Jesus não tem nada a ver com curas espirituais violentas. Jesus não nos exige nada sem nos dar a força para o realizar. O mandamento de Jesus nunca quer destruir a vida, mas preservá-la, fortalecê-la, curá-la.

Porém, ainda nos inquieta a questão de saber o que o chamamento a seguir Jesus pode significar, hoje, para o trabalhador, para o homem de negócios, para o agricultor, para o soldado; a questão de saber se não se introduz aqui um conflito insuportável na existência dum homem e cristão que trabalha no mundo. Será o cristianismo enquanto seguimento de Jesus, afinal, algo destinado a um número demasiado pequeno de pessoas? Não implicará uma exclusão da grande massa do povo, um desprezo dos fracos e dos pobres? Mas, desse modo, não se negará precisamente a grande misericórdia de Jesus Cristo, que veio para os pecadores e os publicanos, para os pobres e os fracos, para os desencaminhados e os desesperados? Que diremos? São poucos ou são muitos os que pertencem a Jesus? Jesus morreu só na cruz, abandonado pelos seus discípulos. A seu lado pendiam não dois dos seus fiéis, mas dois assassinos. Contudo, aos pés da cruz estavam todos, inimigos e crentes, incrédulos e tementes, zombadores e persuadidos. Por todos eles e pelo seu pecado rezou Jesus naquela hora, pedindo que fossem perdoados. O amor misericordioso de Deus vive no meio dos seus inimigos. É o mesmo Jesus Cristo que, por graça, nos chama a segui-l'O e cuja graça torna bem-aventurado o malfeitor crucificado na sua última hora.

Aonde conduzirá a vocação para o seguimento aqueles que O seguem? Que decisões e cisões trará consigo? Temos de levar esta pergunta ao único que sabe a resposta. Só Jesus Cristo, que ordena o seguimento, sabe para onde vai o caminho. Nós, contudo, sabemos que será, com toda a certeza, um caminho desmedidamente misericordioso. Seguimento é alegria.

Hoje em dia, parece ser muito difícil seguir, com total segurança, o caminho estreito da decisão eclesial^{NT} e, ao mesmo tempo, permanecer em toda a amplitude do amor de Cristo por todos

^{NT} A expressão «decisão eclesial» (*kirchliche Entscheidung*), própria de Bonhoeffer, deve ser lida à luz das circunstâncias vividas em 1937 na Alemanha. Bonhoeffer, que integrava a *Bekennende Kirche* («Igreja Confessante»), pertencia ao círculo minoritário dos que, no contexto das Igrejas Protestantes, recusavam categoricamente qualquer intervenção do Estado nos assuntos eclesiásticos.

os homens, da paciência, da misericórdia, da «filantropia» de Deus (Tt 3, 4) para com os fracos e os ímpios. E, no entanto, ambos os lados têm de estar juntos; caso contrário, estaremos a percorrer caminhos humanos. Deus nos conceda, em toda a seriedade do seguimento, a alegria; em todo o não ao pecado, o sim ao pecador; em toda a defesa contra os inimigos, a palavra do Evangelho que tudo supera e tudo conquista. «Vinde a Mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e Eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de Mim, que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para as vossas almas. Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve» (Mt 11, 28 ss.).